Org. 7/Jun/94 CDPH
KY

TL6864

Jakarta 22-12-93

Meu irmão mais velho!

Os meus calorosos abraços de fidelidade ao irmão mais velho.

Recebi a carta do irmão mais velho datada 20-11-93 no dia 12-12-93, quase um mês depois e só nesse momento posso dar a resposta porque tinha que deslocar a Java oriental para participar numa reunião limitada do CPR (Comité Permanente da Renetil) convocada no dia 17-18 desse mês para fazer uma evaluação geral sobre as actividades da org. desse ano corrente e formular métodos mais adaptáveis para a eficiência e efectividade dos trabalhos para o próximo ano.

Irmão mais velho e meu líder!

Na minha qualidade de ser um simples militante e elemento da "R" não me parece ser lícito de escrever directamente ao irmão mais velho na sua capacidade como líder superior da Resistência do Povo Maubere, mas porque, como disse, em termos da luta é exigente e também porque já o fiz chegar vocalmente ao comp. Samala Rua, o líder da R que empenha funeções do comp. L.S, no encontro do CPR para estar ao facto do assunto, creio que estou e sinto-me mais apto de escrever directamente ao irmão mais velho. E, mais ainda, o próprio comp. L.S já me escreveu e pediu-me que eu escrevesse ao irmão mais velho sobre a situação actual que reina no seio dos estudantes. Portanto, creio que não haverá impressões por parte dos dirigentes da R de que estou a exceder-lhes por escrever directamente ao líder superior da Resistência. São coisas técnicas, mas importante porque tudo aquilo que se passa dentro da org. deve e tem de ser controladas e ser responsabilizadas a nivel da org. em relacão a líder superior da luta a fim de evitar ou eliminar cartas pessoais que na maioria das vezes, só trazem dôr de cabeça ao líder máximo da Resistência (essa também pode ser uma delas!!!).

A carta dirigida ao comp. L.S foi uma resposta à sua carta que perguntou sobre minha situação, situação da R e a relação dela com outras organizações existentes. Simplesmente, não explanei-lhe pormenorizadamente sobre a realidade que reina, mas sim fiz-lhe notar de que existem coisas que não está à andar amaciadamente. Não quer isso dizer que eu intendo deter a verdade, mas, quanto a meu parecer, é dever meu e de todos nós que estamos cá fora para enfrentar toda e qualquer situação seja ela favorável ou desfavorável. Por isso descrevi a actual situacão numa maneira inespecífica - uma orientada para fora da org e a outra para dentro da org. - por motivos de não dar dôr de cabeça à L.S. e a outros comps. que estão dentro da cadeia.

* Quanto a minha situação de sobrevivência, sempre enfrenter com

coragem e obstinação. Nunca lamentei sobre as amargas situações que alimentei durante a minha estadia de três anos em Jakarta, porque estou ciente e mais ciente que devo concordar – todo o povo maubere sofre, morre e chora – mas o que parece ser queixa ou mesmo queixa na carta dirigida ao comp. L.S, como tinha dito, foi uma resposta da sua carta que me perguntou sobre minha situação, simplesmente não consegui encobrir a minha alta emoção e descontentamento devido a joginhas do grupo do Martinho que consequentemente deu em droga a minha relação estabelecida entre sr. Steven Kelly, o primeiro secretario de assuntos políticos da Embaixada dos Estados Unidos da América.

É uma longa história! Espero que não traga dôr de cabeça. Desde que o irmão mais velho quer conhecer a verdade, permita-me esclarecer melhor sobre aquele jogo vulgar que referi na carta como "atitude incontribuível dos nasionalistas de meia tijela". Confesso que esses termos não são aptos mas peço a paciência do irmão mais velho para seguir a descrição do desaparecimento do comp. Martinho.

* No início do mês de julho correu novas sobre o desaparecimento do comp. Martinho e mais dois elementos do grupo. Estava muito atento e com muita cautela em tomar medidas sobre esse desaparecimento. Atento e com cautela porque naquela altura, depois da acção do asílio político pelos jovens, o grau das actividades dos inteis subiu, por isso suspetei muito que o tal desaparecimento pode ser uma propaganda lançada pelo inimigo para estimular-nos e depois caçar-nos se reagirmos imediatamente. Ainda mais, quando anunciou na Radio Holanda só mencionou o nome do Martinho sem mencionar os nomes dos outros dois desaparecidos, que, por sua vez, vem justificar a irregularidade da capturação.

No entanto, Continuei a investigar. Houve duas versões ou cenários.
1º O Martinho, por ter perseguido, fez uma retaguarda estratégica de recolher-se a Bandung com a ajuda dum amigo javanês, ex-prisoneiro, e, lá venderam frutas para distorçar a atenção dos inteis.
2º O Martinho foi capturado mas a fonte não conseguiu especificar a data, o sítio, e horas da capturação.

Com essa variedade de informações obscuras não tive a menor coragem de tomar qualquer medida sem confirmar e reconfirmar a verdade porque foi isso que sempre o fiz e o comp. L.S sabe muito bem essa maneira minha. Devido a essa atitude cautelosa, os elementos do grupo queixaram de um lado a outro que eu não tinha a menor noção de solidaridade e amizade entre os nasionalistas. Só sabe aproveitar os benefícios dum indivíduo mas esse quando encara dificuldades ou ameaças ninguém preocupa com isso. Queixas que sempre acusam a minha consciência moral como nasionalista mesmo que pessoalmente nunca aproveitei qualquer forma de benefícios provenientes do comp. Martinho!

A coisa foi andando, e até o comp. L S parece soube disso. Dirigiu-me uma carta onde citou " Buat amak, buat ruma keta laó la dum los Karik-Hau haré labarik sira hanesan atu sés husi ó". Não sei ao certo para onde essa sua impressão bate, mas, para mim, sei muito bem a resposta, Só, então, no dia 27 de Agosto, um elemento do grupo licenciado na filosofia, veio afirmar que, de certo o Martinho foi capturado. Ele, o filosofo, informou mais detalhadamente a incidência da captuação de que o comp. Martinho foi capturado no dia 5 de Julho por volta de 8 a 9 horas de manhã em Ciputat, sua residência. Depois de obter essa informação não a adientei directamente ao 1º sec. da embaixada dos EUA porque ainda não estive bem convencido.

Desloquei a Java oriental no dia 2 de Set. para discutir a proposta sobre o CESTIL. Ali encontrei de novo com o santo filósofo porque tb. participou no encontro e ele reafirmou a verdade da captuação. Por esse ser um ex-frater, acreditei nele sem dar lugar a outras Considerações. Mais ainda, depois do meu regresso, no Domingo, 12 de Set. encontrei com um outro santo frater, também elemento do grupo, que dirigiu-me perguntas de ar "cínico" Martinho iha nebe e oin sá ona" e mais outras... A minha convicção de que os fraters são sempre sinceros foi o erro capital que cometi e que não merece ser perdoado.

No dia 13 de Set. informei o assunto ao Sr. Steven Kelly, o 1º Sec. de assuntos políticos na embaixada da América. Com todo o ânimo, depois de obter a informação, prometeu-me que lhe telefonasse no dia 15 para ver em que é que isso vai dar. Esperava avidamente que essa informação seria um dos murros secos à Ind. porque naquela altura a relação diplomática entre Ind. e América despertou um bocado devido a sucessivas pressões do Gov. Americano sobre Ind. que concerne o problema da violação dos direitos humanos.

A seguida, o primeiro Sec. lançou pressões ao gov. de Jakarta principalmente sobre os militares para libertar o Martinho, mas eles repeliram de que isso é uma propaganda para descreditar a Indonesia. Não ficou satisfeito, o Sr. Steven Kelly tentou confirmar a verdade com a Cruz vermelha Int. mas esse tb não sabe de nada. Decidiu, então, telefonar a Ammestia Internasional em Nova Yorke e daí obteve a certeza de que o Martinho não foi capturado. Quando telefonei-lhe no dia marcado, eu tive que retomar aquele murro seco como consequência da minha cautela infrutífera durante dois meses. Por Conseguinte, Sr. steven Kelly chamou-me a atenção para não nutriciar-lhe mais com

dados ou informações falsas. Vendo isso, fiquei tão aborrecido, não com outros mas a mim mesmo, por ser estúpido de dar crédito ao "santo filosofo".

Investiguei de novo a ver se o Martinho foi ou não foi capturado e onde é o seu paradeiro. Eventualmente alguns dos elementos do grupo confessaram que de facto o Martinho não foi capturado. Ele foi a Timor e está para regressar com toda a família à Jakarta. Essa informação envermelhou os meus olhos e não posso mais deter a minha emoção. Fui ter com os santos faters e descarreguei apertamente a minha insatisfação. Disse-lhes, então, que "se quizerem largar a responsabilidade de dar apoios financiais aos jovens que escaparam-se do massácre de 12 Nov. ou se quizerem aproveitar o dinheiro, o que não vos merece, não fazem josinhas vulgares desse tipo que por sua vez torna-se ameaça à luta". E até acabei por acusar-lhes que eles estão a jogar o carto do inimigo. É por isso que citei na carta essa atitude como "atitude incontribuível dos nasionalistas de meia tijela". "Estou mais ciente de que usamos o mesmo meio que é o direito do nosso povo à auto-determinação para conseguir objectivos diferentes". Portanto, confesso que esses termos parecem desagradáveis mas quero clarificar aqui que isso foi uma expressão de insatisfação ou descontentamento que não consegui encobrir sobre o fabricado desaparecimento que muito comprometeu a minha relação que tanto cuidei entre o 1º sec. Sr. Steven Kelly.

* Pelo que toca a "potência destruidora", refiro a comp. Fitun Fuik que tornou à Ilecitil como um partido sob o nome de "ASSOCIAÇÃO SOCIALISTA DE TIMOR" (AST). Um partido, se julgo não ser excessivo de dizer, com adepto "singular" que, por meu ver é imporporsional e rediculosa. Não tento questionar o surgir do partido e nem tenho a menor noção de deter todo e qualquer pensamento na medida em que esse vem nutriciar o avanço da nossa luta porque é direito de cada um de agir e expressar livremente o seu parecer e de livre vontade adoptar meios viáveis a alcançar o obj. não só pessoal mas comum.

Irmão mais velho!

O que me concerne é a tendência da AST de se pronunciar como partido de oposição dentro da oposição sem dar a menor importância sobre a realidade que está a reinar, a nossa própria situação de que estamos ainda em guerra - essa duríssima guerra!!! Todos os dias e em todas as ocasiões oramos "unidade Nasional" e colocamos a palavra "Unidade" na ponta dos nossos lábios, porém, os nossos actos seguem a seta oposta.

Sim, de facto, nescessitamos a existência de uma oposição forte ou potente como cunha metida dentro do orgão da Resistência não para a dividir mas para a apertar e tornar-se-lhe mais sólida. Isto é, não servir da existência de oposições ou ideas contrárias como fonte de inimização ou sectarismo, mas como fonte de similaridade mútua ou sólida nos pensamentos

e acções contra o vândalo ocupante da nossa Pátria amada. Ideias contrárias deviam ser vistas como ideias alternantes ou recíprocas, pois, com ideias contrárias podemos esgotar todos os esforços para compriender e procurar todas as parcelas das verdades empregnadas numa e noutra ideia para assim intrepretarmos da maneira mais favorável à causa do nosso povo.

Em termos de apoios materiais à luta, a preocupação e os esforços do comp. FF. merecem altas apreciações e aplausos estrondos, mas em termos de Unidade Nasional e fidelidade ao comando superior da Luta não posso impresar os meus suspeitos sobre os seus actos que evidentemente tende a situacionar a situação tanto interna como externa numa atmosfera de desunião. Entre os actos referidos, permita-me exemplificar apenas com dois acontecimentos concernentes a atmosfera da desunião no interior e exterior da Pátria.

1º Com proposta de reorganização da Fretilin no interior da Pátria, no mês de Agosto 1991, o comp. F F conseguiu convencer o vice-sec. da CDF, Mau Hodo Rankadalak onde efectuou a carta circular. Como consequência daquela acção gerou uma fricção entre o irmão mais velho e o comp. e irmão Hodo. Felizmente, essa tentativa de desmembrar o orgão superior da luta pl- comp. F F não deu em nada.

2º Depois da capturação do irmão mais velho, o chefe do Estado Maior e sec. da C D F, Mau Huno, reorganizou a estructura do CNRM no dia 28 de Nov. 1992. A reorganização da estructura do CNRM foi gravada num cassete destinado ao representante especial do CNRM no exterior da Pátria, Comp. RH. O cassete passou pela via do comp FF. O que não consegui compriender, por que motivo ele (FF) enviou o cassete ao comp. A.A. no dia 6 de Jan enquanto ao comp. RH no dia 26 de Jan. 93. Um mês depois quando a "R" tentou confirmar se o comp RH já tinha recebido o cassete o comp. RH disse que não sabia de nada sobre o cassete.

Eis apenas dois exemplos para clarificar ao irmão mais velho sobre as condições ou situações que referi na carta como potência destruidora". Julgo que fui muito excessivo de categorizar a existência da A.S.T como potência destruidora mas vejo que os actos praticados está seguir o trajecto anterior isto é mandar ou enviar apoios materiais para certos sectores ou líders da F A para depois ditar-lhes Creio que essa atitude é inaceitável. Por um lado contribui mas por outro lado mutila a liderança e principalmente a UN.

Além disso, para desfigurar a liderança do CNRM, o comp FF dirigiu críticas quanto a estructura do CNRM que, essa, é uma estructura sem pés nem cabeças e pior ainda quando o comp F F lança comentários sem base sobre o credêncial do irmão mais velho para a nomeação do Comp RH Como representante especial do CNRM no exterior da Pátria. O Credêncial, comforme o F F, foi elaborado ou formulado pelo comp. RH e enviado ao irmão mais velho para o assinar. Mesmo que não estou maduro a bem dizer não tenho a mínima bagagem política, mas, quanto a meu ver, esse

tipo de comentários ou críticas são tendentes a atacar os líderes superiores da luta e que posso categorizar-lhes como críticas deteriorantes ou declinantes sensíveis à causa do povo. Portanto, compete a nós que estamos cá fora e é nosso dever para o enfrentar. E, é por isso não o especifiquei na carta dirigida ao Comp L-S não por motivos de inculpar o real mas para não carregar mais sofrimentos ou dôr de cabeças.

* No que concerne a "incapacidade de tomar iniciativas", falta de sacrifícios" que citei na carta foi a realidade que reina no seio da org. (R) mas antes de exemplificar a realidade mencionada permita-me descrever um bocado sobre a reorganização da R e os seus metodos de trabalhos depois da destrucção da estructura anterior.

Depois do esfacelamento da estructura anterior, sem mostrar o menor vislumbre da sua dissolução aos elementos, reestabelecemos uma nova estructura onde, essa, veio assegurar a continuidade do andamento da luta e constantemente responder os interesses da luta durante à amarga situação com que deparámos dentro desses dois anos.

Com a trica ou subterfúgio de não incluir os elementos classificados como elementos muito atingidos nas actividades da org., conseguimos criar confusos e distorçar a atenção do inimigo. Consequintemente, com todo o orgulho e vaidade, o inimigo proclamou convincentemente de que a R deixou-se de existir, mas ele (o inimigo) quando soube que a R permanece nos seus gritos de denúncio sobre as autrocidades e crimes cometidos pelos militares Ind. nas arenas internasionais, ele teve que engolir o seu orgulho e vaidade envergonhosamente. O entrégue da carta da R dirigida ao Sec. Geral das Nações Unidas por meio do seu enviado, o senhor Amos Wako em Jakarta antes da sua deslocação a TL foi um dos exemplos. Num encontro secreto, quase duas horas de tempo, afirmei ao Representante especial do Sec. Geral da ONU que as org. clandestinas estão em pé e que continuamos a manter a nossa confiança e fidelidade ao irmão mais velho como líder superior da Resistência para levar avante as aspiracões do povo maubere por meio de um referendum sob os auspícios da ONU.

Apesar de todos os êxitos, é interessante notar de que toda e qualquer forma de métodos ou tácticas, na maioria das vezes, no seu processo orientado para o objectivo traçado, sempre germinam novas condições de necessidades que nitidamente são indispensáveis de dar por elas. A reorganização da R também não escapa das respectivas condições de necessidades.

Por motivos de segurança, receio que não posso descrever a estructura detalhadamente mas posso fazer notar ao irmão mais velho de que em cada unidade (anteriormente região) há dois membros que executam os trabalhos da org. Uma entra em contacto com a massa e a outra não, uma delas ambas são membros do Comité Permanente da R (CPR) onde uma empenha a função como Delgado do Comité Permanente (DCP) e a outra que entra em Contacto com a massa é Responsável Principal (RP) e esse não tem contactos directos com o CPR.

* A estructura da org. é o seguinte:

O orgão superior da R é o CCR (Conselho Central da R) - constituido por elementos da estructura anterior categorizados como elementos muito atingidos + CPR (comité Permanente da R) ou comité executivo da R.

O CCR é presidido pelo comp. LS : o seu vice-Pr. é o comp S R que também é presidente do CPR.

Funcções que esse orgão empenha: Planear ou traçar estrategias e controlar a sua implementação.

O CPR é o comité Executivo da R que é constituido presidido por um presidente que tb é vice presidente do CCR (Comp. SR) e um vice presidente, adjuntos, membros e delegados do CPR em cada Unidade Estratégico da Resistência (UNER) (anteriormente região). Funcções que esse orgão empenha: Organizar e coordenar as actividades da org. e actualizar os planos traçados. Para a implementação das funcções, o CPR forma Comissões seguintes:

- CAIP (Comissão de Análize e Investigação Política)
- CIS (—"— de Informação e Segurança)
- CAP (—"— de Agitação e Propaganda)
- CRE (—"— de Relações Externas)
- CRI (—"— de Relações Interna)
- CC (—"— de Comunicações)
- CEF (—"— de Economia e Finanças)

Mais adiante, O CPR delega um delegado (DCPR) Delegado do comité Permanente da R para executar os trabalhos de cada UNER. Este entra em contacto com a massa indirectamente isto é por meio de um Responsável Principal (anteriormente sec. da Região) da UNER. O RP organiza e coordena os trabalhos por meio de sub-Comissões das comissões existentes no CPR sob a supervisão do DCPR. Todas as actividades de cada UNER são executadas e responsabilizadas pelo RP ao DCPR. O Rp de cada UNER não conhece tanto o Rp como o DCP de outra UNER mas os DCP's conhecem um a outro. O DCP de cada UNER por sua vez acumula as aspirações e dificuldades da sua UNER e leva-las a CPR para serem dicernidas. Portanto a massa só conhece o RP e o Rp só conhece o DCP e não todos os responsáveis do CPR. Bem! Para que o irmão mais velho estar mais a par disso posso adiantar com a estructura atada.

Esse novo método de trabalho engendrou, no seu processo, novas climas. Alguns dos dirigentes da estructura anterior que não acompanharam de perto o desenvolvimento da luta principalmente o desenvolvimento da org. Continuaram nos seus postos e que consequentemente criou uma impressão de dualismo de liderança no seio das massas.

Quando entrei directamente em contacto com a massa, mesmo que foi uma atitude de indisciplina, mas consegui descobrir o estagnamento das actividades. Alguns lamentaram " Imi loke oitoan mai ami ba! Ami mos fó laram atu halo netik buat ruma ba ita rai tuir ami nia 'Kbit nebe iha" fó isso dá-me a intender de que o DCP e RP daquela região ou UNER não desenvolveu as suas funcções efectivamente. Tudo isso foi devido a carência de encontros successivos para coordenar os trabalhos porque durante esses dois anos sob a liderança do Comp' S R houve apenas dois encontros para a evaluação e coordenação de trabalhos (pode haver razões para isso). Nenhum dos dirigentes tomou iniciativa de convocar encontro para o tal fim. E, é por isso que citei na carta " incapacidade de tomar iniciativas e falta de sacrifícios" principalmente reservar algumas horas e alguns tostões para o transporte à fim de servir a pátria.

Antes de informar essa condição ao comp. L S, critiquei os dirigentes daquela unidade na minha qualidade como membro de CCR e até o companheiro Samala Rua (SR) o líder da R em funcão do comp L S também não escapou das críticas. Não quer isso dizer que quero desharmonizar os dirigentes mas para consolidar-nos ~~uns com os~~ mais melhor porque sempre o fizemos na estructura anterior. Crítica e auto-crítica é a cultura da org. para endireitar-se um a outro. Ela foi e é a luz que nos guiou e guia a caminho da maturidade e harmonia e que ela tornou-nos mais sólido de enfrentar o inimigo. Conseguimos, então, convocar uma renião a nível do CPR no dia 17-18 desse mês e superamos as dificuldades com que deparámos. Reflectimos sobre as nossas debilidades, a nossa potência, os nossos objectivos já Conseguíveis e os que ainda são inconseguíveis. Por essa refleccão podemos já reduzir os nossos "passos incorrectos e reduplicar os nossos esforços e energias para tornar-se o inconseguível em conseguível. Chegamos então 4 pontos de acordo: ① Consolidação e revitalização da org. por meio de encontros successivos isto é mensalmente ② Indonesiação do conflicto, principalmente por meio dos grupos de oposições existentes e a camada intelectual (universitários) em geral. ③ Agudização da Internasionalização do conflicto ④ Fomento de apoios ao Comando da Luta! Portanto aguardo sugestões ou críticas dessa estrategia para o próximo ano.

Bem! só isso posso fazer chegar ao irmão mais velho nesse momento dentro dos meus limites na língua portuguesa.

Um fortissimo abraço de firmeza e fidelidade ao irmão mais velho.

Boas Festas do santo Natal e Boas entradas do Ano Novo 1994.

De mãos dadas continuaremos a baixar as cabeças dos generais Ind.

Pátria ou morte..!

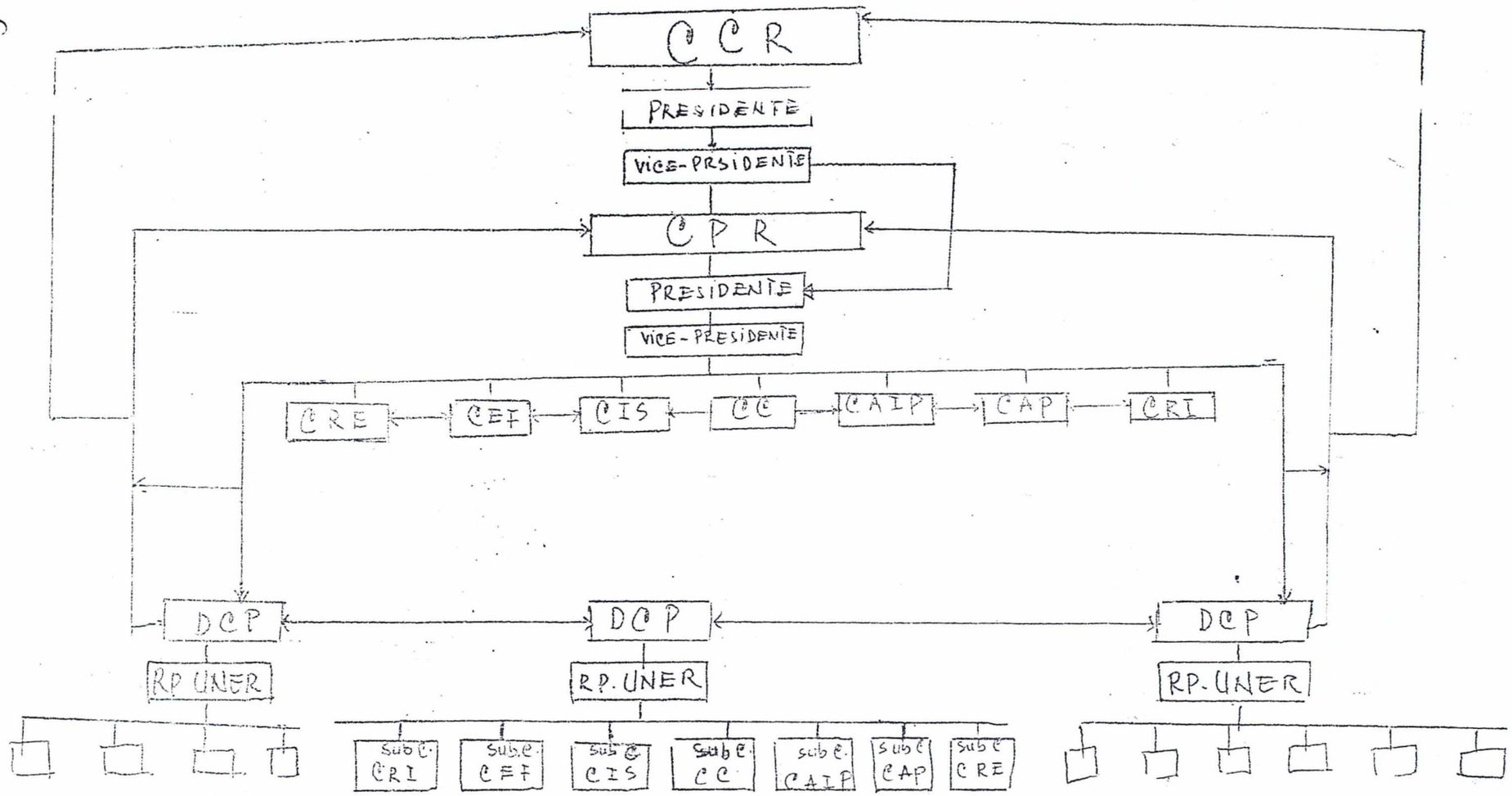
A Luta continua em todas as frentes!

Resistir é vencer!

Sempre irmãos e comp. Nasdores

Nono

(Sarmento Naga Soro)



*. Todos os DCP's são elementos da CPR e todos os elementos da CPR são elementos da CCR.